

ISSN 1415-4498

*M*ANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA *13*


ANNA BLUME

ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES DO
manuscrito
L I T E R Á R I O

mANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA

SÃO PAULO – JANEIRO de 2005

<http://utopia.com.br/apml>

<http://www.fflch.usp/dlm/napcg>

Conselho Editorial

ALMUTH GRÉSILLON

AMÁLIO PINHEIRO

JULIO CASTAÑON

RAUL ANTELO

ROBERTO BRANDÃO

WILLI BOLLE

YEDDA DIAS LIMA

Editoria Científica

CECILIA ALMEIDA SALLES

PHILIPPE WILLEMART

SÔNIA M. VAN DIJCK LIMA

TELÊ ANCONA LOPEZ

Diretoria Editorial

CECILIA ALMEIDA SALLES

Projeto Gráfico e Capa

LUCIANO GUIMARÃES E DENISE PAIERO

Ilustração de capa

PARTITURA DE VITOR KISIL

Paginação

RAI LOPES

Editor Responsável

JOSÉ ROBERTO BARRETO (Mtb 21 287)

Revisão Especializada

MARLENE GOMES MENDES

Vendas

Annablume Editora e Comunicação Ltda.

Rua Padre Carvalho, 275 – Pinheiros

05427-100 – São Paulo – SP

Fone/Fax: (011) 3812-6764

<http://www.annablume.com.br>

SUMÁRIO

EDITORIAL7
CECILIA ALMEIDA SALLES

DEPOIMENTO DO ESCRITOR ANTÔNIO CALLADO9

ARTIGOS

DA CRÍTICA DO PROCESSO À CRÍTICA AO PROCESSO 43
CLÁUDIA AMIGO PINO

A VISÃO EXISTENCIALISTA DA CRIAÇÃO LITERÁRIA POR
JEAN-PAUL SARTRE 73
KLEBER PEREIRA DOS SANTOS

POR UMA EPOPÉIA DO PROVISÓRIO: O LUGAR DOS CADERNOS
NA RELAÇÃO ENTRE PAUL VALÉRY E A HISTÓRIA 95
ROBERTO ZULAR

UMA TEORIA EM CONSTRUÇÃO: FREUD E A CRIAÇÃO
ARTÍSTICA 105
SYLVIA RIBEIRO FERNANDES

A “LENDA DA FARINHA”: RELATOS ORAIS DE UMA MESMA
TRAMA TECENDO UM GRANDE TEXTO DA CULTURA EM
PROCESSO 135
MARCIO HONORIO DE GODOY

A CONSTRUÇÃO DO CORPO GROTESCO NOS MARIONETES DE ÁLVARO APOCALIPSE	161
CRISTIANE MIRYAM DRUMOND DE BRITO	
DESVENDANDO UM LABIRINTO: AS “TRADUÇÕES” DE RINA SARA VIRGILITO	181
SERGIO ROMANELLI	
MANUSCRITOS: FONTE DE PESQUISA PARA A TRADUÇÃO E A CRÍTICA LITERÁRIA	195
CRISTIANE GRANDO	
<i>POEM E NORTH HAVEN</i> : A TRAJETÓRIA INTERSEMIÓTICA DE UMA POESIA/PINTURA NO PROJETO ARTÍSTICO DE ELIZABETH BISHOP	207
ATHINÁ ARCADINOS LEITE	
THE NORTH OF BRAZIL IN BISHOP’S WORK	223
SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO JAQUELINE DA SILVA BARBOSA	
A PRESENÇA DO EXPRESSIONISMO EM <i>PAULICÉIA DESVAIRADA</i>	253
ROSÂNGELA ASCHE DE PAULA	
OTTO LARA RESENDE E SEU ROMANCE INACABADO	269
FLÁVIA DE OLIVEIRA NUNES	
ESTA DISCÓRDIA LATENTE QUE REINA NO CORAÇÃO DE CADA POEMA: A CONTRADIÇÃO, PRINCÍPIO CRIADOR NOS MANUSCRITOS DE SAINT-JOHN PERSE	293
ESA CHRISTINE HARTMANN	

A PRESENÇA DO EXPRESSIONISMO EM *PAULICÉIA DESVAIRADA*

ROSÂNGELA ASCHE DE PAULA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

RESUMO

Apontar indícios da leitura do expressionismo feita por Mário de Andrade, vinculados a um diálogo que deságua na criação poética ou teórico-estética está ligado, dentro da crítica genética, ao estudo de bibliotecas de escritores. Devo deixar claro que estamos falando de diálogo, ou seja, uma troca, uma discussão de idéias, de conceitos buscando, no caso de Mário de Andrade, a solução de problemas até se chegar à vanguarda modernista brasileira. Falarei sobre sua assimilação do expressionismo alemão tendo como fontes principais o poema "Weltende", de Jakob van Hoddis, o prefácio da coletânea Menschheitsdämmerung organizada por Kurt Pinthus e sobre a presença da obra, em uma recriação perceptível em Paulicéia desvairada. Utilizarei também dois textos do crítico e teórico do expressionismo Wilhelm Worringer, lidos por Mário.

RESUMÉ

Signaler des indices de la lecture des écrits expressionnistes réalisée par Mário de Andrade, qui auront des retombées sur sa création poétique ou théorico-esthétique correspond au sein de la critique génétique à l'étude des bibliothèques des écrivains. Cet échange et la discussion des idées et des concepts recherchaient une solution aux problèmes non résolus avant 1922 quand surgit le mouvement de l'avant-garde moderniste brésilienne. J'insisterai sur l'assimilation de l'expressionnisme allemand visible à la lecture du poème "Weltende" de Jakob van Hoddis, de la préface du recueil Menschheitsdämmerung organisée par Kurt Pinthus et de deux textes du critique e théoricien de l'expressionnisme, Wilhelm Worringer, connus de Mário.

ABSTRACT

The aim of the article is to present the importance, to Genetic Criticism, of the study of Mario de Andrade's library to understand the dialogue between his readings about expressionism and some principles of his poetic creation and his theory of esthetics. It must be stated, though, that we are talking about the dialogue, about the exchange of ideas, or concepts aiming at the fulfillment of gaps that led to the Brazilian modernist avant-garde. The assimilation of the German expressionism will be discussed, having as main source the poem "Weltende", of Jakob van Hoddis, the foreword to the collection Menschheitsdämmerun, organized by Kurt Pinthus and its noticeable presence in Paulicéia desvairada. Two Wilhelm Worringer's texts, read by Mário, will also be used.

Em última análise tudo é influência neste mundo. Cada indivíduo é fruto de alguma coisa. Agora tem influências boas e influências más. Além do mais tem que se distinguir entre o que é influência e o que é revelação da gente própria. Muitas vezes um livro revela pra gente um lado nosso ainda desconhecido. Lado, tendência, processo de expressão, tudo. O livro não faz mais que apressar a apropriação do que é da gente. (Andrade 1982: 31)

Mário de Andrade em carta de [1925] a Drummond.

as bibliotecas de escritores têm sido consideradas importantes objetos de pesquisa, pois congregam em um só espaço a assimilação de leituras, seja através de notas marginais ou da presença de um volume ou fichamento, e a digestão, isto é, comentários apontamentos, o surgimento de um verso, a idéia para um romance, por exemplo. Os livros e periódicos que abrigam essas notas revelam-se espaços híbridos, pois deixam de ser apenas texto impresso, já que ao portarem essas notas eles se tornam um manuscrito (Ferrer 2001: 11).

Telê Ancona Lopez explica a complexidade desses manuscritos que nascem nas margens de livros e periódicos

Na verdade, ao tratar o texto impresso como criação de outro, contracena com um segundo escritor. A marginália se define como a justaposição do autógrafo espontâneo, à tinta ou a lápis, às linhas impressas, configurando o diálogo que ali toma corpo. Esse diálogo exhibe o texto nascente que se defronta com uma criação no estágio final, isto é, o livro alheio oferecido ao público (...) (Lopez, 2000, p. 35).

Mário de Andrade, ao longo de sua vida formou uma biblioteca com mais de 17.000 volumes, entre livros, periódicos e partituras. Hoje, no Instituto de Estudos Brasileiros, essa biblioteca é objeto de projeto coordenado pela Profa. Telê Ancona Lopez, envolvendo a equipe que leva o nome do escritor.

Como o autor de *Macunaíma* tinha por hábito destruir os manuscritos de textos publicados, as notas marginais servem muitas vezes como instâncias da criação, sendo o registro do trabalho intelectual de Mário, durante o processo pedagógico e de trânsito intelectual que consiste a sua leitura (Lopez, 2000. pp. 16-17).

Mário, como a maior parte da intelectualidade brasileira do início do século XX, teve em sua formação grande influência da filosofia e da literatura francesa, sobretudo até 1917 (Lopez, 1972, p. 23). Um bom exemplo dessa supervalorização da cultura francesa é o conto "Brasília", no qual o protagonista, um francês, procura desesperadamente encontrar um amor brasileiro, uma mulher que não soubesse francês e pudesse ser considerada genuinamente brasileira. Com esse intento, apaixona-se então por Iolanda, sobre a qual projeta todas as suas fantasias, principalmente quanto à maneira de falar e agir de uma nativa. Ao descobrir que Iolanda também é francesa, o protagonista desiste do caso amoroso.

Nesse conto, encontrado no livro *Primeiro andar*, publicado em 1926, vemos a crítica de Mário à saturação da cultura francesa na vida paulistana. A data de redação do texto é 1921, mesmo ano do "Prefácio interessantíssimo", no qual fica clara a superação desse afrancesamento *fin de siècle* pela refererência, explícita ou não, às vanguardas européias. Mário percebera então novos caminhos, novas leituras que lhe possibilitavam uma reflexão mais ampla sobre as questões da modernidade e do modernismo brasileiro. Dentre suas novas leituras estavam os expressionistas alemães.

O primeiro contato de Mário com os expressionistas, segundo Telê Ancona Lopez, deu-se na exposição de Anita Malfati em 1917 (Lopez, 1995, p. 26). Recém-chegada da Europa, onde estudara com Lovis Corinth, pintor expressionista, Anita traz para São Paulo quadros como *A estudante russa* e *O homem amarelo*. Mário de Andrade visitou a exposição inquietando-se com essa nova forma de representação nas artes plásticas. Provavelmente esse foi o momento em que Mário começou a

se interessar pelo expressionismo, tendo logo, em 1918, iniciado seu estudo do idioma de Goethe.

Sua professora de alemão, Else Schöler-Egbert, foi provavelmente a primeira a lhe apresentar algumas revistas alemãs, como a *Deutsche Kunst und Dekoration*, a qual, apesar de não ser propriamente uma revista expressionista, divulgava essa vanguarda, além de seu propósito de apresentação da atualidade das artes aplicadas, da arquitetura e da literatura. Na biblioteca de Mário de Andrade há exemplares de dois importantes periódicos expressionistas: *Das Kunstblatt* e *Der Sturm*. Nos números de ambos colecionados pelo escritor, encontram-se notas de seu punho, sobretudo a lápis preto, marcando o caminho desse leitor tão especial cujas notas significam diálogo, discussão e criação paralela.

Essencial nesse primeiro contato de Mário com as vanguardas foi o periódico parisiense *L'Esprit Nouveau*, no qual suas notas de leitura mostram sua recepção de autores e títulos do expressionismo, especialmente no início de seus estudos de alemão. Em suas estantes, ao que pude verificar até o momento, em minha pesquisa, os volumes relacionados com o expressionismo perfazem mais de 150 títulos.

Em *A escrava que não é Isaura*, que Mário escreveu entre 1922-24 e publicou em 1925, está a alusão a sete poetas expressionistas: Iwan Goll, Wilhelm Klemm, August Stramm, Rudolf Leonhard, Gottfried Benn, Walter von Molo e Jakob van Hoddis. Os poemas destes expressionistas receberam notas de Mário no volume *Menschheitsdämmerung* e Iwan Goll teve quatro livros crivados de notas da leitura de Mário.

A presença destes nomes data uma das leituras feitas por Mário de *Menschheitsdämmerung*, um dos livros mais importantes desse segmento de sua biblioteca. Primeira coletânea de poesia expressionista, foi organizada por Kurt Pinthus em 1919 e publicada em 1920. Os nomes citados por Mário na *Escrava* aparecem nesta antologia e ganharam ali notas do autor de *Macunaíma*. O exemplar da biblioteca de Mário de Andrade ganha importância em nosso estudo por dois fatores:

- 1) como primeira edição, é rara até mesmo na Alemanha, que viu esta obra ser colocada no *index* nazista e ter seus exemplares destruídos durante a queima de livros nas universidades, em 10 de maio de 1933 e depois em 1945, com o bombardeio dos aliados;
- 2) ganhou o status de manuscrito, uma vez que Mário de Andrade deixou suas marcas de leitor/ criador em 109 dos 269 poemas de *Menschheitsdämmerung*.

As notas marginais neste livro revelam tanto a leitura aplicada do estudante de alemão que traduz para melhor compreender os textos, como o poeta que tenta fazer suas próprias traduções e que ali esboça versos novos, de sua lavra.

Como exemplo, apresento o poema que abre a antologia: "Weltende" ("Fim do mundo"), de Jakob van Hoddis. Nascido Hans Davidson em 1887, em Berlim, filho de judeus, Jakob van Hoddis é um anagrama do sobrenome por ele adotado em 1909. No mesmo ano da fundação do o *Neuer Klub* (Novo Clube), 1911, "Weltende" é publicado pela primeira vez. Em 1912 van Hoddis passa por uma crise nervosa, a primeira, de várias outras que lhe causam internações, até 1942, quando desaparece, em algum campo de concentração, provavelmente.

A tradução abaixo procurou incorporar as notas marginais de Mário (**Nota MA**), ligando-se também ao espírito expressionista.

"O fim do mundo"¹

O chapéu do burguês voa da cabeça estreita,

Por toda parte ecoa a gritaria,

1. Weltende"

Dem Bürger fliegt vom spitzen Kopf der Hut,
In allen Lüften hallt es wie Geschrei,

Os que montam telhados despencam e se espatifam
As marés explodem, contam os jornais.

A tempestade irrompe, os mares avultam selvagens
Sobre a terra estourando os grandes diques.
Os homens, a maioria funga e choraminga .
Os trens precipitam-se das pontes.

Jakob van Hoddis

(Tradução de Rosângela Asche de Paula e

Telê Ancona Lopez)

Van Hoddis desnuda a figura do burguês, sempre objeto do sarcasmo expressionista. Cada verso preserva uma independência categórica. São “*semelhantes a manchetes de jornal*”, como bem apontou Cláudia Cavalcanti (Cavalcanti 2000, p. 27)

O espaço do poema é a cidade. O tempo é o da angústia daqueles que vivenciam a atmosfera social e econômica do Império, que depois culminaria na Primeira Grande Guerra.

Neste poema, van Hoddis inaugura o uso da ordenação assindética das frases, o que causa um grande desconforto no leitor, segundo Cláudia Cavalcanti, uma vez que os elementos do grotesco e da ironia vêm-se revestidos de métrica e rima precisas.

Poema anotado por Mário e lido provavelmente entre 1920-1921, “Weltende” mostra sobre o texto impresso apenas traduções de palavras. Porém, enquanto matriz, o poema ganha um alcance muito maior.

Dachdecker stürzen ab und gehn entzwei
Und an den Küsten – liest man- steigt die Flut.

Der Sturm ist da, die wilden Meere hupfen
An Land, um dicke Dämme zu zerdrücken.
Die meisten Menschen haben einen Schnüpfen.
Die Eisenbahnen fallen von den Brücken.

Transcrevo as anotações marginais de Mário (Notas MA):

Nota MA a lápis preto: grifo em spitzen e tradução: “pontuda”

Nota MA a lápis preto: grifo em Dachdecker e tradução: “entelhadores”

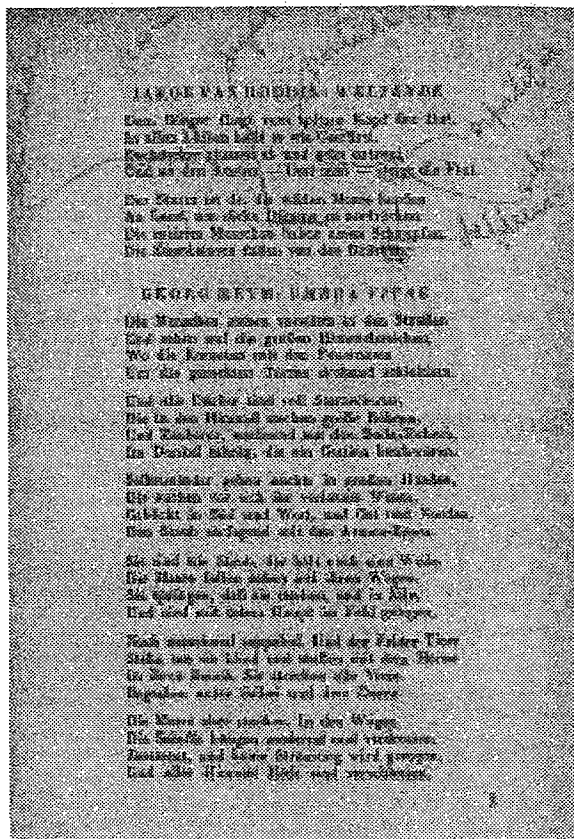
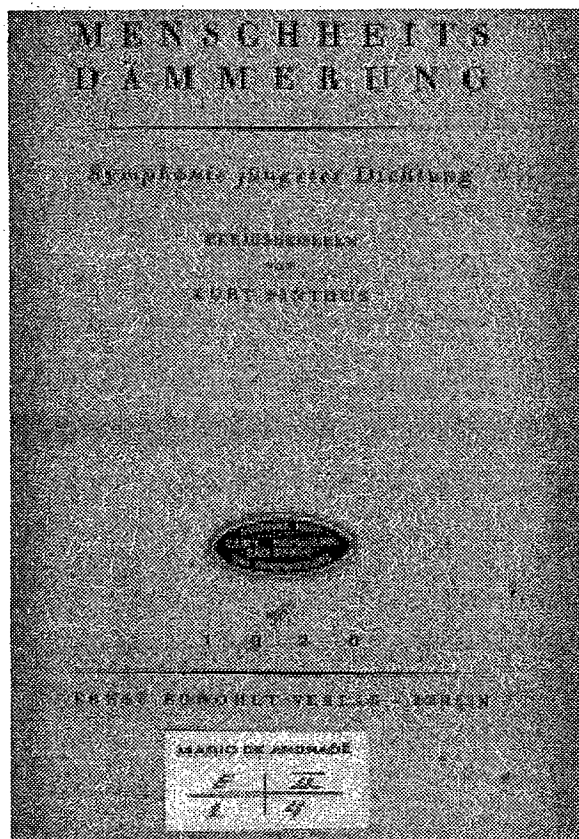
Nota MA a lápis preto: grifo em stürzen e tradução: “caem”

Nota MA a lápis preto: grifo em gehn entzwei e tradução: “espatifar”

Nota MA a lápis preto: grifo em steigt e tradução: “sobe”

Nota MA a lápis preto: grifo em Dämme e tradução: “diques”

Nota MA a lápis preto: grifo em Schnupfen e tradução: “defluxo”



As notas marginais de Mário apontam elos entre o poema lido, a tradução visando uma compreensão e a conseqüente criação. Esta última, vemos, por exemplo, esboçada nos versos 13-14 e 20-23 de “Ode ao burguês” (Andrade 1922, pp. 67-9) de *Paulicéia desvairada*:

Eu insulto o burguês-funesto!
 O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!
 [...]

 Morte à gordura!
 Morte às adiposidades cerebrais!
 Morte ao burguês-mensal!
 Morte ao burguês-cinema! Ao burguês-tilburi!

Inserido no livro modernista de Mário de Andrade em 1922, esse poema exhibe também elementos de renovação de linguagem, assim como, a utilização do grotesco no ataque ao burguês e, de certa maneira, à arte que este representa. Ambos os poetas destinam o seu ódio ao burguês, movidos por questões da esfera política, social ou cultural.

Van Hoddis canta a destruição de tudo que se liga ao burguês através da visão apocalíptica do fim do mundo – *Weltende*. A fantasia ultrapassa a revolta interna e faz com que o próprio mundo burguês destrua a figura em que se espelha.

O poema de Mário, desde o título, “Ode ao burguês”, que soa sarcástica e ambigualmente como “ódio ao burguês”, em seu tom de pilhéria e ironia, não poupa ataques, empregando sobretudo os pares de substantivos (marca do futurismo e adotado pelos expressionistas) com função de adjetivar depreciativamente, reforçada pelo uso parcimonioso dos adjetivos. Aqui não é o mundo que destrói o burguês, mas sim a exploração da linguagem ao longo do poema que irá pintá-lo como ser decadente e odiado pela sua alienação:

Come! Come-ti a ti mesmo, oh! Gelatina pasma!
 Oh! purée de batatas morais
 Oh! cabelos nas ventas! oh! carecas! (v. 29-31)

EXPRESSIONISMO E ESTÉTICA

O diálogo com o expressionismo, nas leituras de Mário de Andrade, frutifica também na esfera das idéias estéticas.

Mário se deparou, em fevereiro de 1920, com o artigo “Natur und Expressionismus”, de Wilhelm Worringer, na revista *Deutsche Kunst und Dekoration*. Apesar de não possuir notas marginais, põe em cena a matriz que se faz ver no “Prefácio interessantíssimo”, escrito em 1921, de *Paulicéia desvairada*, na distinção entre o belo da arte e o belo da natureza (Lopez 199, p. 26).

Mário firma assim a sua vertente teórica em Wilhelm Worringer, um dos críticos, teóricos e historiadores mais importantes para a vanguarda expressionista.

Neste artigo, Worringer afirma: “O lugar negado na obra de arte expressionista deseja apenas a natureza na totalidade, apenas a legitimidade da natureza.” E mais adiante: “É na visão, na revelação, que reside o tom do expressionismo, não no reconhecimento, não no perceptível. A natureza vive ainda em toda arte expressionista e visionária, mas é uma arte peculiar da natureza.” Para Worringer:

O ato de expressão mental não é a bela natureza purificada, mas a enigmática penetrante realidade inarticulada, que não perde seu ameaçador caráter fantasmagórico. A compreensão da natureza é sorte e tranqüilidade. A compreensão da realidade, em qualquer sentido, é dor e humilhação. A natureza vem ao nosso encontro, a realidade nos persegue. Somente em sua relação com a realidade é que se desperta a arte mental (Worringer, 1919, p. 265).

Neste trecho vemos a importante diferenciação da relação do artista expressionista com a natureza, que não é vista como algo puro, idealizado, mas sim o reconhecimento de uma realidade que lhe parece enigmática, inexplicável, e da relação do artista com a realidade, o mundo em sua organização prática, a sociedade. Esta o persegue, atormenta-o e faz com que o artista se expresse através de uma arte mental. Aqui é relevante lembrar o débito dos expressionistas com os textos de Freud e de Jung, lidos pontualmente por eles.

Partindo da leitura do artigo “Natur und Expressionismus”, Mário inicia suas formulações teóricas modernistas, no campo da estética, evidenciadas em dois momentos do “Prefácio interessantíssimo”. Primeiramente no bloco aforismático 29:

Belo na arte: arbitrário, convencional, transitório – questão de moda. Belo da natureza: imutável, objetivo, natural – tem a eternidade que a natureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas, ora consciente (Rafael das Madonas, Rodin do Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis do Brás Cubas), ora inconscientemente (a grande maioria), foram deformadores da natureza. Donde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do natural. Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa.

Depois, no final da estrofe 30, retoma a idéia de Worringer de que é o contato com a realidade que nos força a entrar em contato com as nossas questões internas, abrindo assim o mundo da imaginação, do sonho e da sombra para o universo da criação artística:

[...]. Fugamos da natureza! Só assim a arte não se ressentirá da ridícula fraqueza da fotografia...colorida.



No próprio prefácio de *Menschheitsdämmerung*, Kurt Pintus aborda as concepções da arte em relação à natureza e à realidade, da mesma forma que Worringer. Apesar de não haver notas marginais de Mário no prefácio da coletânea, o *Prefácio interessantíssimo* estabelece também um diálogo com este outro teórico do movimento.

Seguem-se dois trechos do *Zurvor* de Kurt Pinthus, que acredito revelarem pontos da identificação de Mário de Andrade com a vanguarda alemã:

[...] o homem é verdadeiramente ponto de partida, ponto central, ponto de chegada desta poesia, por isso a paisagem tem nela um espaço menor. A paisagem nunca é pintada, descrita, cantada, mas ela é toda humanizada: ela é horror, melancolia, confusão de caos [...].

Nunca foi tão desprezado o princípio de *l'art pour l'art* como nesta poesia que se apelida 'mais recente' ou 'expressionista', porque toda ela é – tem de ser – erupção, explosão, intensidade para rebentar aquela crosta hostil. Por isso evita a descrição naturalista da realidade como meio de

representação, por mais próxima que esteja esta realidade degradada, mas ela cria para si com energia poderosa e violenta seus meios de expressão a partir da força motora do espírito (e de modo algum se esforça por evitar o abuso) (Pinthus, 1920, p. XIV).

Tal qual os expressionistas descritos por Kurt Pinthus, Mário valorizará o sentimento humano, a expressão dos sentimentos, os excluídos e sua fala, sua música, sua dança.

Ao contrário do que se apregoou, Mário não foi um poeta futurista. Não podia ser também expressionista, seria um anacronismo, se tivermos em mente a literatura expressionista em língua alemã dentro de seu contexto histórico-cultural. Entretanto, foi da vanguarda alemã que Mário de Andrade tirou os elementos que mais coincidiam com seu caráter e maneira de ver a arte de seu tempo.

Os poemas de *Paulicéia*, de *Clã do jabuti* e de *Losango cáqui*, escritos na década de 1920, são os que melhor refletem as leituras, a pesquisa e a reflexão sobre o expressionismo, aproveitado por Mário, sempre tendo em mente a realidade brasileira que lhe era possível conhecer e o que acreditava estar de acordo com as necessidades das artes no Brasil.

Contos e crônicas também são cenários deste diálogo.

Em setembro de 1927, o autor de *Macunaíma* fará uma crítica ao pensamento de Worringer, na crônica “Questões de arte”, publicada no *Diário Nacional*. Nesta crônica, Mário toma como fonte e matéria de discussão estética o texto publicado por Worringer no *Montly criterion* de agosto daquele mesmo ano (vol. 6, nº11, ago.1927, p.101-117). Curiosamente, este ou outros números do periódico londrino não se acham hoje em sua biblioteca.

Ao analisar as causas da “morte do expressionismo” apontadas por Worringer, Mário entende a situação de forma oposta à do teórico alemão. Naquele momento (agosto e setembro de 1927), não constata a decadência, mas sim a evolução contínua das manifestações artísticas ao longo da história da arte.

Há uma hipótese para a não existência de volumes da *Montly Criterion* na biblioteca do modernista brasileiro: Mário teria lido os fascículos da biblioteca de seu amigo Sérgio Buarque de Holanda, que menciona o periódico no artigo “Romantismo e tradição”, publicado em 1924, na revista do modernismo carioca *Estética*, construída nos moldes da inglesa, como atesta Prudente de Moraes: “*Tínhamos a intenção de marcar o início de uma fase construtiva e a parte material acompanhava essa intenção, como vimos em Criterion e na Nouvelle Revue Française, menos agressiva que Klaxon. Pretendíamos agressividade interior*” (Leonel, 1984, p. 181).

Localizei, em 2000, o referido exemplar da revista na Biblioteca Central (Library Main Stacks) da Universidade de Illinois (Illinois University) em Champaign-Urbana, USA². Descobri então o editor e o título, “Art Questions of the Day”, não mencionados por Mário, os quais também não aparecem no importante livro *Vanguardas latino-americanas*, quando estampa a crônica “Questões de arte”.

Sérgio publicara em 1922 o artigo “Expressionismo” na revista *Arte Nova*, no qual cita títulos e autores que se encontram na biblioteca de Mário de Andrade no IEB-USP, como Iwan Goll, Georg Kaiser e Hermann Bahr. A possível troca de informações sobre expressionismo entre Mário e Sérgio Buarque de Holanda não pode ser descartada.

CONCLUSÃO

Apontar indícios da leitura do expressionismo feita por Mário de Andrade, vinculados a um diálogo que deságua na criação poética ou teórico-estética está ligado, dentro da crítica genética, ao estudo das bibliotecas de escritores. Devo deixar claro que estamos falando de diálogo, ou seja, uma troca, uma discussão de idéias, de conceitos visando, neste caso, a solução de problemas até se chegar à vanguarda modernista brasileira.

2. Rosana Soares ajudou-me a localizar o artigo “Art Questions of the Day”.

A estética expressionista, enquanto “abandono da expressão do objetivo em favor da expressão subjetiva” (ANDRADE, 1927) foi fundamental para Mário repensar a sociedade brasileira dos primeiros decênios do século XX, a qual seguia o modelo da cultura francesa, nas recentes metrópoles, que ofuscava e negava qualquer manifestação da cultura popular.

Nosso modernista lê os expressionistas como artistas que se voltam para temas não consagrados pela literatura, temas populares e personagens que vivem à margem da sociedade.

No contexto brasileiro, estavam as manifestações populares à margem da intelectualidade e da educação formal. Mário pretendia recolher a arte popular e ampará-la, ou melhor, validá-la através da consolidação de ambas. Portanto, servindo-se de suas leituras de uma estética alemã, Mário elabora suas próprias idéias, dá soluções para o modernismo brasileiro, problematiza-o, tendo sempre em mente o Brasil que conhecia e que desejava atualizar cultural e intelectualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade anotadas pelo destinatário*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.
- _____. Brasília. Em: *Primeiro andar*. Em: *Obra imatura*. 3ª ed. São Paulo/ Belo Horizonte: Martins/ Itatiaia, 1980, pp.113-29.
- _____. *Primeiro andar*. São Paulo: Antonio Tisi, 1926.
- _____. Questões de arte. Em: *Diário Nacional*. São Paulo, 30 set. 1927. Em: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 1995, pp.385-86.
- _____. Expressionismo. Em: *Diário Nacional*, São Paulo, 30 set. 1927. Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP
- CAVALCANTI, Claudia. *Poesia expressionista alemã; uma antologia*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- FERRER, Daniel. Introduction: Un imperceptible trait de gomme de tragacathe.... Em: *Bibliothèques d'écrivains*. Paris: CNRS, 2001, p.11.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Expressionismo. Em: *Arte Nova*. 1922.
Em: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra: estudos e crítica literária*. Organização, introdução e notas de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.155-58.
- LEONEL, Maria Célia de Moraes. *Estética e Modernismo*. São Paulo: Hucitec, 1984, p.181.
- LOPEZ, Telê Ancona. A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação. Em: *D.O. Leitura*. São Paulo, nº 12, dez., 2000, p.35.
- LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e caminho*. São Paulo: Duas Cidades, 1972, p. 23.
- PAULA, Rosângela Asche de. Mário de Andrade e Iwan Goll: uma conversa de biblioteca. Em: *D.O. Leitura*. São Paulo, nº20, jul., 2002, pp.16-21.
- PINTHUS, Kurt. Zurvor. In: *Menschheitsdämmerung*. Ein Dokument des Expressionismus. Hamburg, Reinbek, 1959. IN: SCHEIDL, Ludwig. *O expressionismo literário: poesia, prosa, drama*. Coimbra: Minerva, 1996, p.86.
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras/ FAPESP, 1995.
- WORRINGER, Wilhelm. "Art Questions of the Day". In: *The Montly Criterin - A Literary Review*. Vol.6, nº11, ago., 1927, pp.101-17.